

# INFORMATIVO

# Interação

INSTITUTO EUVALDO LODI  
Ano 15 - nº 176 - Novembro 2006

## O futuro

Educação IEL, opção de capacitação  
para empresários na Ásia



# Portas abertas para um novo mercado

A capacitação do empresário brasileiro é fundamental para a conquista de novos mercados. Ainda mais quando o futuro cliente apresenta o crescimento econômico mais rápido do mundo, como é o caso da Ásia. A região é responsável por um quinto das exportações mundiais e alvo de um terço dos investimentos externos direcionados a mercados emergentes.

Atento ao desafio de identificar os riscos e as oportunidades que o mercado asiático oferece, o IEL fechou, em outubro deste ano, parceria com o *Asia Campus* do *European Institute of Business Administration* (Insead), em Cingapura, uma das melhores escolas de negócios internacionais do mundo. A iniciativa está em linha com as diretrizes do Mapa Estratégico da Indústria 2007-2015, que aponta a maior inserção dos produtos brasileiros no mercado externo como um dos caminhos para liberar o potencial de crescimento do País.

O Brasil ainda vende pouco para os principais mercados da Ásia. Para a China, por exemplo, que cresce a uma taxa média anual de cerca de 10%, as exportações brasileiras



MIGUEL ÂNGELO

correspondem a menos de 1% do total que aquele país importa.

E a pequena Cingapura não foi escolhida à toa. Com uma economia dinâmica, localizada no cruzamento de rotas do comércio internacional, é considerada uma excelente porta de entrada para a região da Ásia-Pacífico. O objetivo do curso é oferecer um rico conteúdo sobre o mercado asiático que permita sua posterior aplicação na realidade.

O programa é direcionado a altos executivos e líderes empre-

sariais, responsáveis pela gestão e pela direção das questões estratégicas mais importantes de suas empresas. As aulas serão ministradas em março do próximo ano. Além de ouvir palestras de especialistas renomados, os participantes farão uma visita à Xangai, a maior cidade da China, com direito a uma rápida imersão cultural e ao mundo asiático de negócios.

A parceria entre o IEL e o Insead não é recente. Experiências bem-sucedidas podem ser observadas em cursos oferecidos no *campus* de Fontainebleau, na França, com foco no mercado europeu. Outra parceria com a *The Wharton School*, localizada no *campus* da Universidade da Pensilvânia, em Filadélfia, nos Estados Unidos, iniciada neste ano, foca as peculiaridades do mercado norte-americano.

Com isso, o IEL engloba três importantes mercados e dá a sua contribuição para ajudar a construir o Brasil que a indústria quer para 2015.

**Carlos Cavalcante**  
Superintendente do IEL

## interação

Publicação mensal editada pela  
**Unidade de Comunicação Social  
do Sistema Indústria (Unicom)**  
**Instituto Euvaldo Lodi (IEL)**  
**Presidente do Conselho Superior  
e diretor-geral:** Armando Monteiro Neto  
**Superintendente:** Carlos Cavalcante  
**Gerente-executivo da Unicom:** Edgar Lisboa

**Gerente de Jornalismo:** Izabel Machado  
**Editor:** Edson Chaves Filho  
**Subeditor:** Roberto Almeida  
**Reportagem:** Claudia Izique, Edson Chaves Filho,  
Fernanda Paraguassu e Luciana Bezerra  
**Projeto e produção gráfica:** textodesign  
**Capa:** textodesign Ilustração da torre de  
televisão de Xangai

SBN, Quadra 1, Bloco B, lote 24  
Edifício Confederação Nacional do Comércio  
9º andar, CEP 70041-902, Brasília (DF)  
Telefone: (61) 3317-9080  
Fax: (61) 3317-9360  
[www.iel.org.br](http://www.iel.org.br)



# Negócios do terceiro milênio

Congresso viabiliza parcerias entre empresas européias e latinas

O III Congresso Internacional de Biotecnologia – BioBrasil 2006, nos dias 17 e 18 de outubro, em Belo Horizonte, contabilizou duas importantes conquistas: o sucesso de público e as excelentes perspectivas de negócio para as empresas do ramo. O evento foi promovido pelo IEL Minas, Sindicato das Indústrias de Produtos Farmacêuticos e Químicos para Fins Industriais no Estado (Sindusfarq), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Fundação Biominas e Associação Brasileira das Empresas de Biotecnologia (Abrabi).

O congresso dividiu-se em dois momentos. No primeiro, especialistas de dez países discutiram temas ligados ao meio ambiente; agronegócio; e saúde humana, animal e vegetal, como gripe aviária, reprodução animal, alimentos transgênicos, fitoterapia, biocombustíveis, novas abordagens no tratamento do câncer e células-tronco.

Na segunda etapa, o Eurocentro da Federação das Indústrias do Estado (Fiemg) reuniu empresários do setor no Encontro de Negócios AL-Invest, programa da Comissão Européia que estimula a cooperação econômica e tecnológica entre empresas européias e latino-americanas, por meio de investimentos e fluxo comercial. O IEL é um dos operadores do programa na América Latina.

Na avaliação de Roberto Machado, coordenador científico de biotecnologia da Fiemg, o BioBrasil conseguiu alcançar resultados signifi-

ficativos. “Foi acima do esperado”, diz. Machado destaca ainda a contribuição do congresso sobre o Arranjo Produtivo Local (APL) de Biotecnologia de Minas. “Esse evento trouxe uma força para o setor. Biotecnologia é uma ciência que permeia outros ramos. É a ciência do terceiro milênio. Estamos em uma biorrevolução.”

## EXPECTATIVA

Além de estimular discussões sobre temas em evidência no mundo, o evento foi encerrado com a expectativa de ter possibilitado negócios de aproximadamente US\$ 10 milhões entre

empresas durante os encontros. “Foi um sucesso total”, avalia Leonardo Ávila, consultor de negócios internacionais da Fiemg.

Segundo ele, 120 empresas latinas e mais 25 européias participaram de quase 300 reuniões nos dois dias do evento. “Neste ano, focalizamos principalmente os negócios. O AL-Invest promoveu palestras e acompanhou de perto as negociações. Vamos acompanhar por um ano para verificar se as parcerias iniciadas no congresso foram fechadas”, afirma.

SEBASTIÃO JACINTO JÚNIOR



**BioBrasil 2006: sucesso de público (foto ao lado), discussões importantes (foto abaixo) e previsão de bons negócios**



SEBASTIÃO JACINTO JÚNIOR



# Inovar para crescer

Estudo mostra o que é preciso para dar mais competitividade ao setor produtivo

A taxa de inovação na indústria brasileira ainda é baixa. E isso se deve a uma questão cultural. É o que revela o estudo *Inovação Tecnológica no Brasil – A Indústria em Busca da Competitividade Global*, organizado pela Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpei), que traça um diagnóstico e analisa os principais fatores que geram a baixa competitividade do setor produtivo brasileiro.

De acordo com o estudo, que tem o apoio do IEL, divulgado na sede do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), em Brasília, não faz parte da cultura e da postura da maioria das empresas instaladas no País o investimento na geração de conhecimentos com o objetivo de aumentar a competitividade nos mercados em que atuam.

“É importante que as universidades formem estudantes com a visão de que a pesquisa pode e deve ser feita nas empresas. E as empresas devem ter a percepção de que é preciso investir em inovação”, disse o ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, durante lançamento do livro, em 25 de outubro.

A publicação, que reúne informações sobre 84,2 mil empresas, distribuídas em 91 atividades industriais, mostra que o número de empresas inovadoras no Brasil passou de 22,6 mil em 2000 para 28 mil em 2003. No entanto, esse aumento não se



MIGUEL ÂNGELO

refletiu na criação de novos produtos ou processos tecnológicos, o que expõe a vulnerabilidade da indústria nacional para competir no mercado mundial a médio e longo prazos.

## ESTRATÉGIA DO SETOR

“O Brasil ainda está despertando para a questão da inovação. Ela está mais na retórica do que efetivamente na prática”, afirma Carlos Cavalcante, superintendente do IEL Nacional. Ele explicou que as empresas têm investido cada vez mais em tecnologia, mas as barreiras tributárias, trabalhistas ou até mesmo a falta de conhecimento impedem o desenvolvimento dos projetos.

A CNI entende que a inovação é fundamental para a estratégia

do setor. Tanto que o estímulo à atividade de inovação nas empresas, o desenvolvimento de infra-estrutura tecnológica e a criação de mecanismos de acesso ao conhecimento estão previstos no Mapa Estratégico da Indústria 2007-2015, com sugestões para o País atingir o crescimento sustentado nos próximos anos.

Segundo Cavalcante, apesar da publicação da Lei de Inovação, que desburocratiza a elaboração de projetos, os recursos disponíveis ainda são pequenos. O estudo organizado pela Anpei afirma que falta organização na execução das ações públicas na área de ciência, tecnologia e inovação. Como há restrições financeiras, não é possível investir em diversos setores simultaneamente. “O investimento deve ser feito de forma organizada, negociada entre o setor empresarial e o governo”, diz o estudo.

No topo da lista dos países que mais investiram em pesquisa e desenvolvimento em proporção ao Produto Interno Bruto (PIB) em 2003, apresentada no documento, estão Suécia (4%), Finlândia (3,5%) e Japão (3,2%). Estados Unidos e Coreia, por exemplo, investem cerca de 2,5% do PIB, acima da média de 2,2% dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em valores, os norte-americanos encabeçam a lista, com US\$ 284 bilhões, seguidos dos japoneses (US\$ 114



bilhões) e dos chineses (US\$ 84,6 bilhões). É na China, aliás, onde mais cresce a instalação de centros de pesquisa e desenvolvimento de empresas multinacionais e estas declaram ter mais interesse em investir no futuro próximo, até mais que nos Estados Unidos.

Os maiores investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) estão concentrados em poucos setores. Em 2003, os 700 maiores projetos da área em todo o mundo foram realizados nas áreas de telecomunicações, tecnologia da informação, *hardware* e *software*, serviços de computadores, automobilística e farmacêutica.

De acordo com dados do Ministério da Ciência e Tecnologia, o governo brasileiro investiu, em 2006, R\$ 15 bilhões em P&D e inovação. Para o superintendente

do IEL, o baixo número de graduados em engenharia e outras áreas da ciência é um dos obstáculos à inovação no Brasil. "Entre os graduados brasileiros, apenas 11% são engenheiros. Esse número certamente trará gargalos na área de inovação", diz Cavalcante.

### **CULTURA DA PROPRIEDADE INTELECTUAL**

Segundo Diana Jungmann, gerente de Promoção da Inovação e do Empreendedorismo do IEL, a instituição contribui, de várias formas, para diminuir os obstáculos em inovação. "O IEL é um agente ativo nesse processo", diz. Um exemplo é a participação no projeto *Inova Engenharia* que, junto com outras entidades, tem o objetivo de reestruturar os cursos de engenharia do País.

Também se destacam iniciativas de difusão de informações estratégicas para as empresas com a realização de fóruns de inovação na indústria e publicação de livros e o estímulo à atividade de inovação por meio do Prêmio de Inovação Tecnológica, em parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Além disso, há a concessão de bolsas para alunos realizarem projetos de pesquisa em pequenas empresas com o programa Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec). Mais recentemente, o IEL e o SENAI firmaram convênio com o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), cujo principal objetivo é disseminar a cultura da propriedade intelectual entre as empresas brasileiras, tema relevante para a inovação.

MIGUEL ÂNGELO



**Carlos Cavalcante; Evandro Mirra, presidente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); ministro da Ciência e Tecnologia Sergio Rezende; e Hugo Borelli Resende, presidente da Anpei**






# A produção do biodiesel e os benefícios sociais

O Brasil tem de estar inserido em uma economia globalizada; não pode correr o risco de perder competitividade pela falta de energia. O biodiesel é um produto com mercado mundial, basicamente formado por frotas de veículo de transporte de cargas e passageiros, transporte ferroviário, transporte marítimo e geração de energia elétrica.

A agroenergia deverá receber expressivo impulso pelo biodiesel, combustível que pode ser produzido em todo o Brasil, a partir de diferentes oleaginosas, como mamona, dendê, algodão, girassol, canola, babaçu, amendoim, gergelim, pinhão manso e soja. Essa amplitude trará efeitos multiplicadores, com resultados positivos nos contextos econômicos e sociais. O semi-árido nordestino abriga mais de 2 milhões de famílias, que no dia-dia convivem com a fome e a miséria, sendo, portanto, fácil perceber os benefícios de um programa de cultivo de mamona, consorciado com o feijão, a partir da agricultura familiar.

Dos cerca de 4,13 milhões de agricultores familiares do País, 49,6% estão no Nordeste. A região conta com mais de 400 municípios com elevada aptidão para o plantio de mamona, o que ressalta a relevância do biodiesel para o desenvolvimento regional.

DIVULGAÇÃO



“Fácil perceber os benefícios de um programa de cultivo de mamona, consorciado com o feijão, a partir da agricultura familiar”

**Wilson Sotero Dália,**  
MSc Escola Politécnica  
Universidade de Pernambuco

Estudos desenvolvidos pelo Grupo de Trabalho Interministerial revelam uma estimativa de que, para cada 1% de participação da agricultura familiar no mercado de biodiesel no País, considerando o emprego da mistura de 5% de biodiesel (B5) no óleo diesel, em todo o território nacional, seria capaz de propiciar cerca de 45 mil empregos no campo. Da mesma forma, a possibilidade da geração de três empregos na cidade para cada emprego no campo. Portanto, envolvendo 1% da agricultura familiar no mercado de B5, pode-se gerar cerca de 180 mil empregos diretos e indiretos.

De acordo com os indicadores apresentados, a participação de 6% da agricultura familiar no mercado de B5 possibilitaria a geração de aproximadamente 1 milhão de empregos, distribuídos entre 270 mil no campo e 810 mil na indústria, comércio e distribuição.

A atuação social oferece às organizações um valioso instrumento de competição, cada vez mais destacado pelo mercado. Representa a compreensão de uma nova dimensão corporativa, que vai muito além da obtenção de resultados operacionais, significando a opção por práticas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida desta e das futuras gerações.

# Gestão e tecnologia

## IEL-CE prepara empresas com foco na competitividade

Agregar conhecimentos gerenciais e tecnológicos para elevar a competitividade da indústria cearense. Esse é o principal trabalho que Vera Ilka Sales vem colocando em prática desde 2001 como superintendente do IEL Ceará.

Economista especializada em administração da qualidade e informação tecnológica, Vera participou de momentos importantes da história do núcleo, como a fusão do IEL com o Centro de Competitividade Industrial (Compi), episódio que reforçou a capacidade técnica e de infra-estrutura para ampliar o potencial e a qualidade das ações da entidade no Ceará.

Nesta entrevista, Vera Ilka explica as quatro principais linhas de atuação do IEL, desenvolvidas a partir de parcerias estratégicas com órgãos estaduais e com programas de internacionalização das indústrias locais:

### BOLSAS E ESTÁGIO

Com base nas bem-sucedidas iniciativas dos programas Bolsas Bitec e Bolsas Apex (que ajudam pequenas e microempresas para o comércio exterior), criamos a Bitece, Bolsas para Apoio do Desenvolvimento Tecnológico das Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará. Em parceria com a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), são oferecidas 12 bolsas para atender empresas de agronegócios do interior do Estado, número que deverá ser ampliado no ano que vem.

### TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA

Em 2006, o IEL trabalhou muito com demandas tecnológicas das empresas. Promoveu-se o *benchmarking*, processo de comparação dos produtos, serviços e práticas empresarias entre os mais fortes concorrentes do mercado. E também articulou-se o desenvolvimento de projetos internacionais, como a qualificação de empresas de panificação para participar da Plataforma Brasil-Europa, com atuação, em especial, na França.

### CAPACITAÇÃO

Foram oferecidos cursos de pós-graduação e capacitados arranjos produtivos locais (APLs) junto com parceiros, como o Sebrae e a Secre-

taria Estadual de Emprego e Renda. Uma das ações de maior sucesso nessa área aconteceu dentro do Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica (Procel), preparando 300 agentes para trabalhar o tema nas indústrias locais.

### APLs

Neste fim de ano, serão destacados mais cinco arranjos produtivos locais: três no interior e dois na Região Metropolitana de Fortaleza. Os setores serão de laticínios, confecção, cachaça, serraria e construção civil. Além disso, foram realizados nos últimos três anos censos socioeconômicos e setoriais para manter pequenos e microempresários e sindicatos informados sobre os ramos em que atuam.



Vera Ilka: participação em momentos históricos e novos projetos movimentam a agenda da superintendente do IEL cearense

# Abertura para negócios com a Ásia

IEL faz parceria para capacitar empresários no Insead de Cingapura

A Ásia apresenta o crescimento econômico mais rápido do mundo. A região absorve um terço dos investimentos direcionados a países emergentes e é responsável por um quinto das exportações mundiais. Com massa crítica em pesquisa e desenvolvimento e capital humano, e agilidade na captura de novas tecnologias, a Ásia realizou rápidos avanços em infra-estrutura e atrai hoje um crescente número de multinacionais.

De olho nos desafios e oportunidades trazidos pelos asiáticos, o IEL firmou, no mês passado, parceria com o *Asia Campus* do *European*

*Institute of Business Administration* (Insead), uma das melhores escolas de educação executiva do mundo, localizado em Cingapura, considerada uma excelente porta de entrada para os países da região, especialmente a China.

Maior país em desenvolvimento do mundo, a China consolidou-se como o principal parceiro comercial do Brasil na Ásia depois de entrar para a Organização Mundial do Comércio (OMC), superando até mesmo o Japão, um mercado de maior tradição comercial.

O primeiro curso em Cingapura atende a uma demanda dos empre-

sários brasileiros e será ministrado de 15 a 28 de março do próximo ano. "São culturas bastante diferentes, que exigem um melhor entendimento sobre seus rituais de negócios", explica Oto Morato, gerente de Educação Empresarial do IEL Nacional.

## INCENTIVO

O programa inclui um módulo com palestras sobre a China e uma viagem de três dias a Xangai, a maior cidade chinesa, com visitas a empresas multinacionais lá instaladas. O objetivo é dar ao empresário noções de logística e operacionais, além de aspectos legais, financeiros e burocráticos para se fazer negócios com os chineses.

O IEL e o Insead já trabalham juntos no *Europeo Campus* do Insead, na França, para onde foram levados 72 empresários neste ano. "O Brasil sempre foi uma economia fechada. Por isso, as empresas que se lançam no mercado internacional sentem necessidade de se preparar", destaca Flávio Castelo Branco, gerente-executivo da Unidade de Política Econômica da CNI.

"Temos qualidade e capacidade de produção, mas o empresário brasileiro ainda tem dificuldade de entender esse mercado, que é novo para nós. Por isso, incentivamos cursos como esse do Insead", diz Adriana Rodrigues, coordenadora da Unidade de Inteligência Comercial da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).



OTO MORATO

Insead: parceria com o IEL será de grande valia para o empresariado brasileiro





Há países que fazem tantas exigências que praticamente inviabilizam o comércio, como é o caso do Japão, com medidas sanitárias e fitossanitárias para produtos agropecuários. “Precisamos de uma nova geração de *traders* e executivos que estejam preparados para atuar naquela região”, acentua Adriana.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) mostram que o Brasil tem muito a oferecer para os asiáticos. Adriana conta que o governo brasileiro estuda a instalação de um centro de distribuição de produtos em algum país asiático para facilitar o acesso à região.

As exportações brasileiras para a China, país que cresce a uma taxa anual média de cerca de 10%, atingiram US\$ 5,5 bilhões de janeiro a agosto e deverão alcançar US\$ 10 bilhões no

fim deste ano. No entanto, Armando Meziat, secretário de Comércio Exterior do MDIC, lembra que a China vai comprar do mundo US\$ 900 bilhões e vender US\$ 1 trilhão. “O empresário brasileiro sabe que a Ásia é um mercado a ser conquistado”, ressalta.

Historicamente, o Brasil vende produtos básicos para a China, principalmente soja e minério de ferro. Mas há iniciativas que mostram o potencial de diversificação da pauta. Meziat conta que, recentemente, a Embraer vendeu dez aviões de 190 lugares para os chineses, no valor de US\$ 2,7 bilhões, sendo que a metade foi produzida pela empresa nas suas instalações na própria China.

Tanto Adriana quanto Meziat afirmam que Estados Unidos e Europa continuarão sendo importantes mercados, assim como a América Latina, principal destino dos manufa-

OTO MORATO



**Adriana: incentivo aos cursos do Insead para que empresários brasileiros entendam como funciona o mercado**

turados brasileiros. No entanto, os dois executivos sustentam que é preciso entender os países da Ásia porque, além das oportunidades de negócio, eles são concorrentes do Brasil aqui e em terceiros mercados.

## Foco no mercado asiático

O curso no *campus* do Insead em Cingapura será ministrado de 15 a 28 de março de 2007, com tradução para o português. Será oferecido conteúdo sobre o mercado asiático, englobando as seguintes áreas:

- Mudanças econômicas, políticas e culturais na Ásia-Pacífico;
- Estratégia competitiva aplicada ao mercado asiático;
- Fusões e aquisições;
- Fundamentos de marca sob a perspectiva asiática;
- Como negociar com culturas diferentes;
- Equilíbrio entre demanda e capacidade de terceirização;
- Logística;
- Alocação de investimentos e estratégia corporativa no mercado asiático;
- O desafio metanacional orientado para a Ásia;
- Liderança;
- Gestão da mudança;
- Como negociar com a China e conquistar um lugar no mercado chinês.

**Informações pelos telefones: (61) 3317-9425/9432.**

## Mais sobre Cingapura e Xangai

Cosmopolita é a palavra que melhor retrata Cingapura. Com 4 milhões de habitantes em 682,3 quilômetros quadrados, a cidade-Estado, ou país de uma só cidade, é cerca de oito vezes menor que o Distrito Federal e tem uma população quase duas vezes maior. Grande parte ( $\frac{3}{4}$ ) é de chineses. Está localizada numa ilha entre a Malásia e a Indonésia. O país tem o maior volume de reembarque do mundo e é o terceiro maior centro de refinação de petróleo. MetrÓpole internacional, Xangai é o maior centro econômico e comercial da China, com uma base industrial que abrange múltiplas áreas do mundo da produção. Tem cerca de 15 milhões de habitantes e 6.340 quilômetros quadrados. Xangai possui o porto mais importante da China e se destaca também por sua riqueza histórica e cultural.





# Por uma política nacional de estágio

Base serão projetos de desenvolvimento tecnológico, preocupados com a questão ambiental, buscando a eficiência gerencial

O IEL vai promover, já no primeiro semestre do próximo ano, ampla discussão sobre a questão do estágio no Brasil. Etapa do processo de construção desse projeto, o 7º Encontro Nacional de Estágio (ENE), realizado nos dias 18 e 19 de outubro, reuniu em Florianópolis representantes de vários segmentos do País envolvidos com o assunto.

A idéia é inaugurar uma forma inovadora de estágio, valorizando os bons programas existentes. A base serão projetos de desenvolvimento tecnológico, preocupados com a questão ambiental, buscando a eficiência gerencial e fugindo do conceito antigo de estágio, mais identificado com o serviço burocrático. O IEL planeja criar uma forma de estágio que mescle



IZABEL LORENZO

**Cordão: defesa do estágio como fase educativa e preocupação com a falta de normas para o estágio de nível superior**

a questão da responsabilidade social com o desenvolvimento empresarial, o que passará necessariamente por áreas de recursos humanos mais qualificadas.

“É preciso encontrar uma fórmula em que a escola valorize o estágio, o estagiário tenha maior consciência do que leva em termos de conhecimento para as empresas e estas tenham atendido seus anseios”, observa Ricardo Romeiro, gerente de Estágios e Desenvolvimento de Novos Talentos do IEL Nacional.

Assim, a proposta de uma política nacional passará por campanhas de sensibilização de todos os envolvidos. As empresas, entendendo o que é o estágio e que benefícios pode trazer; as universidades, ampliando a discussão acadêmica, revisando os estágios obrigatórios e criando formas de inclusão; e os alunos, compreendendo que estágio não é emprego, mas a continuidade do aprendizado. E ainda uma revisão e atualização da legislação.

IZABEL LORENZO



**Izoton: empenho para implantação do empreendedorismo como matéria a partir do ensino fundamental**





**Martins: o importante é impor desafios ao estagiário**

Entre os palestrantes do ENE, Francisco Cordão, presidente da Consultoria Educacional Peabiru, fez firme defesa da posição do Conselho Nacional de Educação, do qual foi integrante: estágio é um ato educativo, curricular e supervisionado, devendo integrar a proposta pedagógica da escola e os instrumentos de planejamento do curso. Ele está preocupado, contudo, com a falta de normatização específica para o estágio em nível superior pelo Conselho, que só tem normas para as atividades na educação profissional e no ensino médio.

O industrial Luzas Izoton, presidente do Conselho da Micro e Pequena Empresa da CNI e da Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes), sustentou em sua palestra que o Brasil precisa implantar a pedagogia empreendedora, desde o ensino fundamental, passando pelo médio e universitário, incluindo o estágio, visando agregar nos valores pessoais todas as caracte-

terísticas empreendedoras. “Dessa forma, estaremos plantando a semente de um país com grande qualidade de vida, com alto nível de desenvolvimento.”

## VOCAÇÃO E TALENTO

Nas empresas, uma das preocupações é identificar o potencial dos estagiários. Para José Antonio Fernandes Martins, vice-presidente do Conselho de Administração da gaúcha Marcopolo, maior fabricante de carrocerias

de ônibus do mundo, estagiar para aprender a apertar parafuso não interessa nem ao estudante nem à corporação que lhe dá oportunidade. “O importante é impor desafios ao estagiário e despertar nele o sentimento de que pode ser melhor, crescer e ajudar a empresa a progredir junto.”

Martins tem uma certeza: valorizado e bem orientado, o estagiário pode dar à empresa idéias muito interessantes. Ele tem uma explicação

singela para isso: o estudante se esforça para aprender e mostrar que tem valor e pode ser útil àquele que está lhe dando uma chance de se preparar para o mercado profissional.

Na catarinense Marisol, uma das 150 melhores empresas para se trabalhar no Brasil, de acordo com o *ranking* das revistas *Exame* e *Você S/A*, o estágio é considerado uma das formas mais ricas de identificar talentos potenciais. Desde o primeiro momento, se procura introjetar uma cultura industrial no estagiário, facilitando sua adaptação e motivação para exercer a criatividade.

Exigente, antes mesmo de testar as qualidades do estudante, a Marisol submete-o a rigoroso teste seletivo, em que pesa a favor, por exemplo, o conhecimento de outras línguas, explica Marcos Roberto Zick, executivo de Recursos Humanos. “Se não colocamos esse filtro na entrada, ele enfrentará obstáculos naturais no trabalho. Além disso, nosso rigor reflete o que ele encontrará quando concluir o ciclo estudantil”, justifica. Com o procedimento, enfatiza, se reduz a possibilidade de contratar alguém que até pode ter potencial, mas não o perfil necessário à empresa.



**Zick: rigoroso teste de seleção e necessidade de conhecimento de outros idiomas**



# Destaque às inovadoras

Empresas que investem forte em pesquisa disputam fase final

A oitava edição do Prêmio Finep de Inovação Tecnológica, promovido pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o IEL e o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), chega à sua etapa final. Neste ano, 677 empresas e instituições participaram das cinco etapas regionais. Os primeiros colocados em cada uma das categorias – Produto, Processo, Pequena Empresa, Média e Grande Empresa, Instituições de Ciência e Tecnologia e Inovação Social – concorrem agora ao prêmio nacional.

Os seis melhores projetos serão escolhidos por um júri formado por especialistas de diferentes Estados. Eles têm a tarefa de analisar a relevância da inovação, seu impacto

na competitividade da empresa, os ganhos sociais e ambientais e a auto-sustentabilidade do projeto, entre outros critérios utilizados na avaliação de cada uma das categorias da premiação.

## ESCOLHA

A seleção será difícil entre concorrentes de peso. A Pele Nova Biotecnologia, fabricante de medicamentos, por exemplo, tem cinco patentes registradas no Brasil e em 35 países. Esse desempenho lhe valeu o Prêmio Finep Pequena Empresa da região Centro-Oeste.

Uma dessas patentes é o Biocure, uma biomembrana natural feita de látex que permite a regeneração de

tecidos afetados por feridas crônicas causadas por úlceras diabéticas, vasculares e de pressão, entre outras. O medicamento ganhou o Prêmio Finep Produto do Centro-Oeste.

Na disputa pelo prêmio nacional Pequena Empresa, a Pele Nova terá que enfrentar a Nuteral, do Ceará, que nos últimos três anos lançou dez inovações na área de nutrição; a Prodigy 3D, fabricante de *softwares* educativos; a paranaense Automat Engenharia, que desenvolve sistemas de automação, coleciona 18 patentes e investe 21,5% do faturamento em pesquisa e desenvolvimento; e a Pharmakos Amazônia, uma empresa familiar fabricante de fitoterápicos e fitocosméticos.

O prêmio da categoria Produto é disputado pela Tecno Moageira, de Porto Alegre, que desenvolveu um guindaste portuário móvel sobre trilhos para a movimentação de açúcar a granel que opera por controle remoto via radiofrequência. “Com a combinação de movimentos, o equipamento consegue atingir todos os pontos dos porões dos navios”, descreve Arthur Reinke, do departamento de *marketing*.

Também está no páreo a Biovetech, primeira colocada no Nordeste, fabricante de *kits* para o diagnóstico de artrite encefalite caprina que já conquistou 12% do mercado nacional. A doença afeta

DAIANE DE SOUZA-UNB AGÊNCIA



**Denise: pesquisa científica colabora para melhorar atividades de artesanato**



entre 20 e 30% do rebanho brasileiro de aproximadamente 10 milhões de cabeças.

Na mesma categoria concorrem ainda a Módulo Security Solutions, do Sudeste, que criou um *software* de gestão de risco – o *Check-up Tool* – usado pelo Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso no controle sanitário da febre aftosa; e a Embrapa Amazônia Oriental, responsável pelo lançamento de uma semente desenvolvida a partir do cruzamento de 11 variedades de açaí de vários pontos da região amazônica e que permite uma rentabilidade 25% superior à fruta disponível no mercado.

A Embrapa, aliás, concorre ao prêmio em várias categorias. O Núcleo Temático de Biologia Aplicada da Embrapa Amazônia Oriental; a Embrapa Algodão, no Nordeste; e a Embrapa Soja concorrem ao prêmio Instituição de Ciência e Tecnologia, ao lado da Inova Unicamp e da Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação MT).

## TECNOLOGIA

Já a Embrapa Milho e Sorgo, de Minas Gerais, disputa a categoria Inovação Social com a tecnologia de captação de água de chuvas por meio de minibarragens contra as erosões e o assoreamento e que também permitem o armazenamento da água. A tecnologia já foi replicada em 300 municípios mineiros e, desde o início de 2006, está sendo usada no Nordeste.

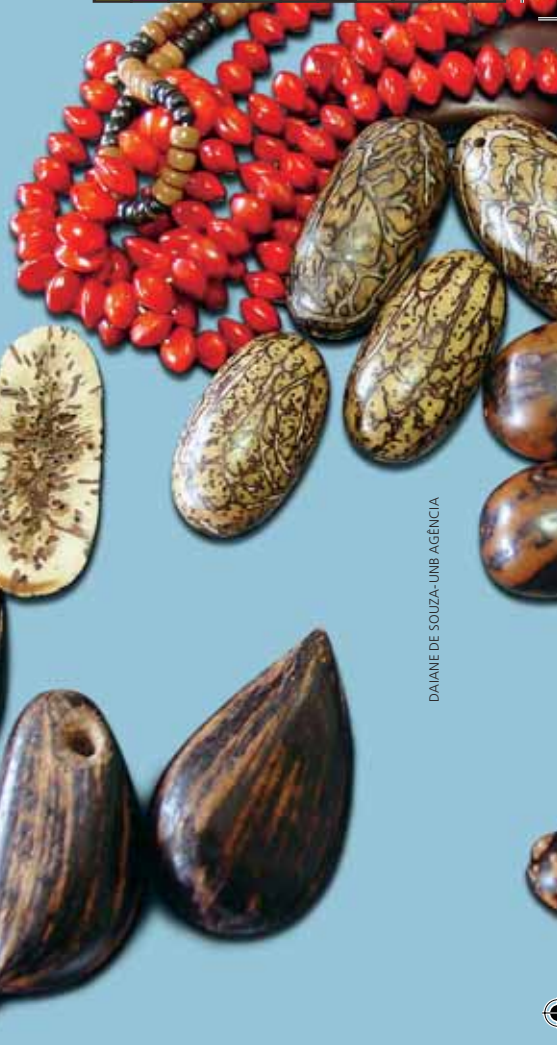
O projeto Tratamento Preventivo e Curativo de Sementes para a Confecção de Artesanato, desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da

Universidade de Brasília (UnB), também concorre na categoria Inovação Social. Denise Vilela, do Departamento de Fitopatologia da UnB, descobriu uma forma de livrar da ação dos fungos as sementes de açaí e inajá, e as fibras de sisal e de taboca usadas no artesanato, aumentando em até 12 vezes a sua vida útil.

A tecnologia substitui os produtos tóxicos comumente utilizados pelos artesãos por óleos naturais, e está sendo replicada em comunidades do Acre, Rondônia, Bahia e Distrito Federal. O método de tratamento de sementes está sendo patenteado no Inpi. “Além de beneficiar produtores, essa tecnologia evita que, junto com as sementes, exportemos também parte da nossa biodiversidade”, ela explica, referindo-se aos fungos e bactérias exportadas junto com colares, bolsas e pulseiras, entre outros.

A Fundação de Tecnologia do Estado do Acre (Funtac) também disputa o prêmio Finep Inovação Social com um fogão a lenha especial capaz de gerar energia elétrica. A idéia é atender, principalmente, aos cerca de 3,2 milhões de domicílios rurais brasileiros. O microgerador reduz em 50% o consumo de biomassa e lenha. Os dois outros concorrentes ao prêmio Inovação Social são a Fundação Musambê, do Ceará, e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), do Rio Grande do Sul.

A ViniBrasil, produtora de vinhos no Vale do São Francisco, em



DAIANE DE SOUZA-UNB AGENCIA

Pernambuco, é candidata ao prêmio na categoria Processo. Suas videiras geram duas safras por ano e produzem o primeiro vinho internacional na latitude 8º sul. Também estão no páreo o Brazil Test Center, da Motorola; a Companhia Níquel Tocantins, com um novo sistema de alimentação de fornos de redução; a Eletronorte, com um novo sistema de transmissão de sinais; e a Schultz, que atua no mercado automotivo.

Na categoria Média e Grande Empresa, concorrem a Scitech, Produtos Médicos; a Unidade de Poliolefinas da Braskem; a Fibra, fabricante de embalagens; e a Mectron, a única empresa na América Latina com tecnologia de produção de mísseis inteligentes, como o MAA, utilizado pela Força Aérea Brasileira.





# Fornecedor de qualidade

Programa facilita negócios entre pequenas e grandes empresas

A maior parte dos uniformes comprados pelas grandes indústrias instaladas no Pará é fornecida por empresas do próprio Estado. Mas nem sempre foi assim. Há um ano e meio, 85% dos uniformes vinham de fora. A mudança foi resultado do esforço para capacitar fornecedores locais, que precisavam de um impulso para mostrar seu potencial aos grandes clientes.

O trabalho foi feito no âmbito do Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF) do Pará, coordenado pela Federação das Indústrias do Estado (Fiepa). As dez empresas mantenedoras selecionam os fornecedores, que participam do Programa de Certificação de Empresas (Procem), gerenciado pelo IEL.

Indústrias de base já se prepararam para receber a certificação em 2007. Serão considerados aspectos ligados à qualidade e produtividade; segurança, saúde e meio ambiente; tributos e impostos. “A certificação será um diferencial de mercado”, diz David Leal, coordenador do PDF.

## DESENVOLVIMENTO

Também adotado em outros Estados, o programa atende à demanda das grandes compradoras, qualifica trabalhadores locais e estimula o desenvolvimento regional. Os resultados alcançados motivaram o IEL a definir um modelo de atuação nacional para disseminar as melhores práticas e estimular a implementação do PDF em outros mercados. A iniciativa inclui a realização de *workshops*,

que ajudam a estabelecer o contato entre as empresas.

A Imerys, produtora de caulim no Pará, por exemplo, fará um encontro para apresentar seu projeto de expansão. “O PDF é uma ponte importante para acessar as grandes empresas e mostrar que há no Estado produtos com preço e qualidade compatíveis aos adquiridos em outros lugares”, diz Márcia Bitar, proprietária da paraense Master Uniformes, que tem a Imerys entre seus clientes.

Em dois anos, o número de funcionários da Master subiu de 60 para 130. O espaço físico cresceu e a produção e o faturamento dobraram. “O aumento da procura pelas peças da Master foi tão rápido que a empresa ainda está se reestruturando”, diz a proprietária da Master, convidada para participar do Procem em 2007.

No Maranhão, já foram certificadas mais de 50 empresas, entre elas a Lavatec, especializada na lavagem de peças industriais e hospitalares. “É preciso estar qualificada para competir”, diz José Oscar de Melo Pereira, da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo do Maranhão e coordenador do PDF.

Neste ano, o IEL-MA fará a coordenação técnica da quinta edição do Procem. “Direcionamos nossos esforços ao modelo de gestão Procem, pois acreditamos no seu valor e na forma como é conduzido”, diz André Mendonça, diretor-administrativo da Lavatec, fornecedora de empresas, como Petrobras, Alumar e Eletronorte.

DIVULGAÇÃO



**Lavatec, do Maranhão: fornecedora de grandes empresas adotou modelo de gestão Procem**







**Energia** – Brasília sediará, em 29 de novembro, o Fórum de Responsabilidade Socioambiental. Representantes das distribuidoras de energia e especialistas do setor elétrico conhecerão o novo modelo do Relatório Anual de Responsabilidade Socioambiental que as concessionárias adotarão a partir de 2007. No fórum também serão divulgadas ações de empresas do setor em benefício da comunidade e do meio ambiente. Informações pelo e-mail: [institucional@aneel.gov.br](mailto:institucional@aneel.gov.br)

**Encomex** – O 14º Encontro de Comércio Exterior será realizado em Maceió (AL) em 7 de dezembro. O Encomex é um projeto do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior para estimular a participação do empresário no contexto internacional. O público-alvo são empresas com potencial exportador ou já exportadoras, instituições de apoio aos setores produtivo e exportador e profissionais liberais com interesse na área. Informações: <http://www.encomex.desenvolvimento.gov.br>

**Mestrado** – O Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) abriu inscrições ao exame de seleção para o mestrado profissional em propriedade intelectual e inovação, a ser ministrado no Rio de Janeiro. O curso, gratuito, terá duração de 24 meses. Podem inscrever-se portadores de diplomas de graduação em qualquer área do conhecimento, que têm prazo até 8 de dezembro. Informações: <http://www.inpi.gov.br>

## Fiec e sindicatos fortes

DIVULGAÇÃO



Ao dar os primeiros passos na condução da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), nossa diretoria tem concentrado esforços para promover a união e ampliar o interesse dos industriais cearenses por seus sindicatos e, dessa forma, dar maior importância aos mesmos em nossa entidade. Com isso, esperamos fortalecer a representatividade institucional, contribuindo para o aumento da competitividade das nossas empresas, dos setores econômicos que cada sindicato representa.

Vamos expandir a nossa capacidade de realização por meio de alianças com todos os órgãos do Sistema S entre si, e destes com universidades, centros de pesquisas, agências de desenvolvimento, empresas, grandes instituições e organizações não-governamentais. Para isso, utilizaremos todo o conjunto de experiências e o potencial de ação do SESI, SENAI, IEL, Instituto de Desenvolvimento Industrial (Indi), Centro Internacional de Negócios (CIN) e Instituto Fiec de Responsabi-

lidade Social (Fireso), levando ao conhecimento de todos os industriais o grande ferramental e as estruturas que já dispomos.

No que se refere especificamente ao IEL, as ações permanecerão centradas nas demandas das indústrias, dos sindicatos e de suas respectivas cadeias produtivas, fortalecendo os segmentos industriais, por meio da transmissão de conhecimentos gerenciais e tecnológicos. Os trabalhos com os arranjos produtivos locais (APLs), as pesquisas socioeconômicas e os censos setoriais continuarão merecendo todo o apoio necessário, de modo a garantir que os sindicatos sejam beneficiados por informações relevantes sobre os seus setores.

Além do fortalecimento dos sindicatos, outra bandeira fundamental é a redução dos impostos nas cadeias produtivas, a exemplo da já existente nos setores de couro, têxtil/confecção, trigo e bebidas, dentre outros. Este é o único meio de diminuir a informalidade (eliminando a concorrência predatória do sonegador) e reduzir os custos, com conseqüente aumento da competitividade e garantia de um substancial crescimento dos valores arrecadados pelo Estado.

O próximo ano guarda, ainda, boas novas, como o Projeto de Apoio ao Desenvolvimento de Estratégias Empresariais, que consiste na identificação de ações nacionais e internacionais, as quais possam representar oportunidade às indústrias do Estado.

**Roberto Macêdo**

Presidente da Fiec e diretor regional do IEL

